

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 26 - número 51 - março 2017

vol. 26 - número 51 - março 2017

Fundação Eng. António de Almeida



“Prémio Joaquim de Carvalho 2016”:
Cristiano Casalini, *Aristóteles em Coimbra. Cursus Conimbricensis
e a Educação no Collegium Artium*, Coimbra: IUC, 2015

FRANCESCO MATTEI

Resumo: Publica-se a seguir a apresentação do livro de Cristiano Casalini recentemente galardoado com o “Prémio Joaquim de Carvalho 2016” e atribuído pela Imprensa da Universidade de Coimbra, por Francesco Mattei (Universidade de Roma III), que fornece uma avalizada perspectiva sobre a origem e o sentido da monografia laureada.

Palavras-chave: Aristóteles, Curso Jesuíta Conimbricense, Educação.

Riassunto: Pubblichiamo di seguito la presentazione del libro di Cristiano Casalini, a cui la Imprensa da Universidade de Coimbra ha attribuito il “Premio Joaquim de Carvalho 2016”, firmata da Francesco Mattei (Università Roma III), che offre una prospettiva privilegiata sull’origine e il senso dell’opera.

Parole chiave: Aristoteles, Gesuiti di Coimbra, Educazione.

Summary: A presentation by Francesco Mattei (University of Rome III) to Cristiano Casalini’s book, to which the Coimbra University Press attributed the “Joaquim de Carvalho Award 2016”, follows here. Mattei offers an outstanding exposure about the origin and meaning of Casalini’s work.

Key-words: Aristotle, Coimbra Jesuit Course, Education.

Este trabalho sobre o *Cursus Conimbricensis* e a educação no *Collegium Artium* de Coimbra vem a lume depois dos estudos que Cristiano Casalini levou a cabo, juntamente com Luana Salvarani, sobre Possevino, Huarte e Montaigne, o que é suficiente, creio, para explicar a delimitação histórico-conceptual da época que se procura reler nestas páginas: com um olhar pedagógico, filosófico, científico-epistemológico, e, também, inevitavelmente, político-teológico. Trata-se com certeza de uma época conturbada, mas ao mesmo tempo de uma transição delicada e interes-

sante, porque esta passagem entre séculos, entre o século XVI e o século XVII, está prenhe de consumações de paradigmas e repleta de viragens que acabarão por se consolidar ao longo de todo o século XVI. Pense-se nas viragens político-doutriniais ou nos paradigmas científico-filosóficos que se iam delineando ou enraizando (e radicalizando). E para gravar na representação conceptual a delicadeza do momento, é suficiente pensar na figura de Galilei, que se confrontou com os Jesuítas, ou na de Descartes, que se, por um lado, inaugurou a viragem do pensar subjectivo em filosofia, por outro, é devedor, como ele próprio confessa, dos frutos do *Cursus Conimbricensis*, pois teve a sorte de dar os seus primeiros passos (filosóficos) na senda dos experientes mestres de Coimbra.

A Segunda Escolástica, nessa altura em declínio, terá ficado esgotada, e irremediavelmente destabilizada, mas, apesar da sua fraqueza como *corpus*, e do desmoronamento doutrinial, conseguiu dar vida a rebentos aristotélicos não infecundos para o desenvolvimento das ciências experimentais que então iam progredindo. E os golpes que lhe tinham sido infligidos pelo escotismo e o ockhamismo insular franciscano não conseguiram abafar um aristotelismo já não doutrinial, que fazia emergir, entre as dobras das suas interpretações, as razões de uma “ciência nova” (não viquiana) programaticamente investigada *iuxta propria principia*. Procuravam-se nessa altura métodos e leis observáveis, evidentes *erga omnes*, e que deixassem definitivamente para trás causas metafísicas e princípios teológicos. Sabemos, porém, quão longa foi a angústia semântica e epistemológica do *scire per causas*. E é fácil documentar como a “causa” aristotélica, nas suas quatro ou cinco versões – a “causa exemplar” foi problemática, separadora e muito influente –, dadas pelos vários comentadores nada anões (também em Coimbra) foi fulcral para a aquisição de uma concepção da experiência capaz de salvaguardar a dignidade e o papel autónomo da “natureza” e, ao mesmo tempo, a autonomia das suas leis. E sabemos também qual foi o esforço para encaixar essa autonomia da experiência natural dentro das delimitações doutriniais de Roma, teológicas e filosóficas, sempre firme, depois do século XIII, na interpretação aristotélica de Tomás. O que não impediu, naturalmente, de se homenagear a lição tomista e também de salvar Agostinho, ser-se fiel à página aristotélica, e utilizar, quando necessário, indispensáveis óculos platónicos. Acerca disso Inácio e os sucessores que governaram a Companhia em tempos de grandes mudanças não tinham dúvidas. Roma falava tomisticamente e tomisticamente falavam os jesuítas, mas com muitas “toleras licenças”. E destas licenças há um rasto notável em muitas páginas do *Cursus Conimbricensis*.

Poderia parecer, talvez, que estamos a confirmar a imagem, desde há muito consolidada e transmitida aos vindouros, de uma Companhia sempre ambígua e indecifrável. Mas não é assim. As páginas que podemos

ler neste longo, minucioso (ou aborrecido) estudo dão conta de esforços conceptuais sérios, profundos, porventura rarefeitos. Por vezes corajosos. E, de vez em quando, até resistentes em relação às vontades romanas da Companhia ou da Cúria. Mas o que estava em jogo era verdadeiramente importante. Por detrás havia um concílio de Trento muito pouco conciliador em relação às proposições doutrinárias, e sempre pródigo de *anathema sit*. E havia uma reforma protestante e muito protestante contra as indulgências para com o pelagianismo ou para com a potência ou a reivindicada autonomia da natureza.

Mais uma vez, com todos os equívocos do caso, estamos a falar de Tomás ou de Agostinho, de Aristóteles ou de Platão, de natureza ou de graça, de pecado ou de livre arbítrio, de salvação e de condenação, de gratuidade ou de mérito, de predestinação ou de cooperação para a salvação, de voluntarismo ou de racionalismo, de política ou de religião. E quem, em vez de ser fiel aos *aut*, se confronta (confrontava) seriamente com os *et*, corre (corria) sempre imponderáveis riscos. Ou melhor, riscos certos e muitas vezes trágicos.

Digo-o de forma diferente e sem alusões. Encontramo-nos numa passagem extraordinariamente delicada da história da cultura, da religião, da filosofia, da política e da economia. E diria que só o estudo *weberiano* sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo será capaz de compreender plenamente a mudança do paradigma teológico-político que se ia impondo. Diria também, sem forçar demasiado os dados históricos, que os litigiosos jesuítas conimbricenses, sempre perdidos entre política e teologia, entre Roma e a autónoma Província portuguesa, não subavaliaram de modo algum o momento delicado que na altura se vivia. E poderia lembrar Molina, Suárez, Acquaviva, Mercuriano, Fonseca, Góis... o *De auxiliis* e as muitas disputas doutrinárias e filosóficas focadas por Casalini. Mas renuncio a tal, dado que isso ficou já bem dito. O que mais me impressiona nestas passagens é a capacidade (neste caso dos jesuítas de Coimbra) de estar no mundo e de viver com força inexaurível a possibilidade de pensar, um pensar que sabe a obediência, a hermenêutica *fidelis*, mas também a procurada e defendida autonomia. O que equivale ao modo de exercitar a liberdade e a autonomia da natureza (humana). Mesmo proclamando sempre, como não poderia deixar de ser, obediência ao Papa preto e ao Papa branco.

Dito isto, poderia concluir aqui esta breve nota de ritual académico não reformado. Mas não posso, porque devo lembrar, embora isso seja evidente no longo estudo de Casalini, que este novo andamento teológico-filosófico, científico-experimental, e político-cultural muito influenciou o mundo da educação. Por este motivo acho pouco compreensível o escasso interesse da investigação histórico-educativa por estes paradigmas, para-

digmas então em rápida mudança mas que deixaram rastos duradouros e eficazes, ainda hoje evidentes.

Eis então a razão deste estudo e da sua demora também nos aspectos “educativos” das disputas teológico-filosóficas, aspectos que se tornaram, de facto, o lado histórico-factual da contenda conceptual. Tudo isso é por si só interessante, e é evidente desde o nascimento dessa Coimbra, olhando só para as intensas trocas de cultura e política, educação e teologia, filosofia e *statuta collegiorum*, que se verificaram entre Paris e Coimbra, Bordéus e Évora, Espanha e Portugal, Roma e Províncias jesuítas. E a grande influência do fascínio do *modus parisiensis* no ensino e na estruturação das instituições formativas ficou na obra seguramente bem documentado. Dessas disputas, e das conseqüentes decisões em matéria de política educativa surgiu a consciência, fortemente sentida pela jovem direcção jesuíta, da necessidade de difundir também os lugares da cultura, esses famosos colégios que os jesuítas espalharam por toda a Europa e que cedo constituíram a base a partir da qual se desenvolveram as futuras Universidades laicas.

O que explica a razão da sequência de autores que lembrei supra e sobre os quais Casalini e Salvarini recentemente se debruçaram. Possevino¹ escrevera a *Coltura degli ingegni*, traçando caminhos educativos (ou ideológico-hegemónicos diríamos hoje) para a recém-nascida Companhia de Jesus. Daí os conceitos, doutrinas, hermenêutica, a difusão através do ensino (a *coltura*) nos colégios que havia fundado.

Huarte seguiu outro caminho. *Essame degli ingegni*, não *coltura*. Demasiada era, com efeito, a importância que atribuía aos temperamentos e aos caracteres inatos. E o ensino pouco acrescentava às capacidades originárias do indivíduo, quando muito podia representar o instrumento capaz de as revelar. E o facto de Huarte se encontrar no cruzamento de paradigmas que se dissolviam, entre aristotelismo (aparentemente) esgotado e neoplatonismo “de escola”, está bem expresso no estudo que antecede a edição do *Essame* recentemente apresentada por Casalini e Salvarani. Iguamente sintomática é a importância que ele, médico e filósofo, atribui ao estudo dos corpos (o famoso “teatro dos corpos”) e da anatomia².

Não relembro aqui Montaigne, mas a sátira corrosiva que abunda nos *Essais*, testemunha melhor do que qualquer argumentação, a pujança de um paradigma didáctico-cultural nessa altura certamente em voga e de segura eficácia. A transmissão da cultura científico-humanista passava

¹ Antonio Possevino S.J., *Coltura degli Ingegneri*, Anicia, Roma 2008; Juan Huarte de San Juan, *Essame degli Ingegneri*, Anicia, Roma 2010; Michel de Montaigne, *L'educazione. Essais* 25-29, Anicia, Roma 2010. Textos organizados por C. Casalini e L. Salvarani.

² F. Mattei, *La figura e l'opera di Juan Huarte de S.Juan*, Anicia, Roma, 2011.

por esses canais. Impostos e performantes, diríamos hoje, apesar das críticas – pense-se em Descartes, para além de Montaigne – de quem, por esses caminhos, aprendera a raciocinar e a argumentar, também lendo e formando-se no *Cursus Conimbricensis*.

Como já referi, estamos entre os séculos XVI e XVII. O concílio de Trento já aconteceu assim como a reforma de Lutero, que modificou teologia e filosofia, *imago Dei* e *imago hominis*, política e educação, cultura e livro, Igreja e Estado. Uma verdadeira revolução da consciência alemã, como lembrará mais tarde Hegel, apesar de a reacção católica não ser inferior para o ‘catolicismo da primeira idade moderna’, como disse O’Malley. E para essa eficácia católico-romana os jesuítas ofereceram um contributo muito relevante e sempre reconhecido. Por este motivo sempre apoiei este longo estudo sobre o colégio de Coimbra.

Concluo, cumprimentando este estudo pelo êxito que mereceu e ao já não jovem investigador de Parma; que continue a investigar com entusiasmo e paciência, como terá certamente aprendido com os seus *magistri conimbricensi*!

Só resta agradecer ao colega John O’Malley, renomado estudioso da Georgetown University, que quis prefaciá-la monografia que acabei de apresentar, espalhando algo da sua fama nestas páginas e nas antigas disputas dos *first Jesuits*; aos meus mestres da Universidade Gregoriana, onde já formado em filosofia e pedagogia na Universidade “La Sapienza” passei anos de estudos austeros e de livres pensamentos nunca esquecidos: dos professores Tillette, Lotze, Henrici, Magnani, Hallett e sobretudo do amigo bávaro prof. Carlo Huber, há pouco tempo falecido, mestre *wittgenstiano* mas sobretudo mestre de vida e de amizade. Espero que algo da sua *lectio difficilior*, e da longínqua Coimbra, continue também em mim.

(Página deixada propositadamente em branco.)